



Universidades Lusíada

Sampaio, Cátia
Pereira, Catarina
Pereira, Cláudia

Avaliação da intervenção social em contexto de habitação social : a participação sócio-ocupacional no processo de (re)estruturação da população em situação de vulnerabilidade social

<http://hdl.handle.net/11067/7221>

<https://doi.org/10.34628/3mbb-xp83>

Metadados

Data de Publicação

2023

Resumo

A intervenção em Bairros Sociais denota-se crucial para promover bases de inclusão e integração social, sob o ponto de vista de erradicação do estigma e, sobretudo, do autoestigma. A intervenção deve corresponder às necessidades e problemas identificados pela população e às potencialidades identificadas, almejando a mudança social. A escuta ativa e a promoção da participação da comunidade no seu processo de mudança são imprescindíveis para que tal aconteça. O próprio espaço é preponderante par...

Intervention in Social Neighborhoods is crucial to promote bases of inclusion and social integration, from the point of view of eradicating stigma and, above all, self-stigma. The intervention must correspond to the needs and problems identified by the population and to the identified potentialities, aiming at social change. Active listening and promoting community participation in its change process are essential for this to happen. The space itself is preponderant for the construction and co...

Palavras Chave

Habitação social - Aspectos sociais, Identidade social

Tipo

article

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-ISSSL] IS, n. 61 (2023)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-06-20T14:31:52Z com informação proveniente do Repositório

**AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO SOCIAL
EM CONTEXTO DE HABITAÇÃO SOCIAL:
A PARTICIPAÇÃO SÓCIO-OCUPACIONAL NO
PROCESSO DE (RE)ESTRUTURAÇÃO DA POPULAÇÃO
EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

**EVALUATION OF SOCIAL INTERVENTION
IN THE CONTEXT OF SOCIAL HOUSING:
SOCIO-OCCUPATIONAL PARTICIPATION IN THE
PROCESS OF (RE)STRUCTURING THE POPULATION IN A
SITUATION OF SOCIAL VULNERABILITY**

Cátia Sampaio

Câmara Municipal de Fafe
ORCID: 0009-0005-7962-7926

Catarina Pereira

Câmara Municipal de Fafe
ORCID: 0009-0002-1994-9542

Cláudia Pereira

Câmara Municipal de Fafe
ORCID: 0009-0007-6424-2374

DOI: <https://doi.org/10.34628/3mbb-xp83>

Data de submissão / Submission date: 16.05.2023

Data de aprovação / Acceptance date: 01.08.2023

Resumo: A intervenção em Bairros Sociais denota-se crucial para promover bases de inclusão e integração social, sob o ponto de vista de erradicação do estigma e, sobretudo, do autoestigma. A intervenção deve corresponder às necessidades e problemas identificados pela população e às potencialidades identificadas, almejando a mudança social. A escuta ativa e a promoção da participação da comunidade no seu processo de mudança são imprescindíveis para que tal aconteça. O próprio espaço é preponderante para a construção e consolidação da identidade cultural da população. O presente artigo pretende compreender os efeitos da intervenção comunitária na vertente psicossocial e sócioocupacional da população residente nestes empreendimentos, avaliando o sentimento de pertença e autoestima através do estudo da participação em ações impulsionadoras de momentos que estimulam o envolvimento da população. Desta feita, pretende-se, com recurso à presente investigação, contribuir para o entendimento das dimensões sócio-ocupacionais que contribuem para a qualidade de vida dos participantes. Palavras-chave: Bairro Social; Vulnerabilidade Social; Intervenção Comunitária; Participação Social; Identidade Social e Cultural

Palavras-chave: Bairro social; Vulnerabilidade social; Intervenção comunitária; Participação social; Identidade social e cultura.

Abstract: Intervention in Social Neighborhoods is crucial to promote bases of inclusion and social integration, from the point of view of eradicating stigma and, above all, self-stigma. The intervention must correspond to the needs and problems identified by the population and to the identified potentialities, aiming at social change. Active listening and promoting community participation in its change process are essential for this to happen. The

space itself is preponderant for the construction and consolidation of the cultural identity of the population. This article aims to understand the effects of community intervention on the psychosocial and socio-occupational aspects of the population residing in these developments, assessing the sense of belonging and self-esteem through the study of participation in actions that stimulate moments that encourage the involvement of the population. This time, it is intended, using the present investigation, to contribute to the understanding of the socio-occupational dimensions that contribute to the quality of life of the participants.

Keywords: Social neighborhood; Social vulnerability; Community Intervention; Social participation; Social and cultural identity

1. Introdução

A associação a um bairro habitacional no qual os seus habitantes desenvolvem sentimentos de bem-estar, pertença e autoestima encontra-se intimamente relacionada com o vínculo emocional que o indivíduo consegue estabelecer com outras pessoas e contexto, desta forma, a própria identidade pessoal (Kearns & Whitley, 2018). O espaço bairro é uma ampliação do espaço casa. Perante tal constatação, a interiorização de ideias preconcebidas e estigmatizantes sobre o espaço bairro, e a população que lá reside, compromete o normal decurso de conexões sociais e práticas de sociabilidade, bem como, a coesão social e a forma como o próprio espaço é assumido por toda a comunidade além das políticas sociais e do planeamento urbano. Assim sendo, um bairro social, quando associado a uma ideia estigmatizante e de perigosidade promove uma visão evidente de desorganização social e física (Kim, 2009).

Neste aspeto, uma intervenção comunitária concertada poderá ser a chave para a promoção do bem-estar, coesão e participação social aliando a relações de vizinhança como positivas. Sentir-se protegido e comprometido é o primeiro passo para as denominadas comunidades sustentáveis. A intervenção comunitária potencia práticas de inclusão social que respeitam valores comunitários e de sobrevivência. A intervenção comunitária, para além do foco que estabelece com as interações sociais, debruça-se pelo entendimento da melhoria da qualidade de vida da população. Quando considerada a diversidade étnica e cultural de um Bairro Social, a intervenção comunitária é crucial para promover relações de vizinhança estáveis, dado que a probabilidade de desenvolvimento de sentimentos e relações negativas é muito frequente (Fong et al., 2021).

2. Revisão da literatura

No rescaldo da Revolução Industrial e, concomitantemente, da economia capitalista, surgem os primeiros bairros sociais como consequência de fortes desequilíbrios e disparidades internas que influenciam a organização e ordenamento físico e social das cidades e das suas periferias (Sebastião, 1998). Capucha (1990, p. 29) descreve bairro social como *“contentor institucional de pobreza”, isto é, de um local onde foram “armazenadas” famílias pobres, ...sem que nada, para além do local de residência, tenha mudado nas suas vidas, reforçando-se pela concentração, em meio desconhecido e destituído das antigas redes de solidariedade vicinal, os fatores geradores de empobrecimento”*. Segundo as prespetivas apresentadas destaca-se a crucialidade das redes de sociabilidade para o pleno desenvolvimento da comunidade, contribuindo fortemente para o sentimento de deslocamento da população que habita nos bairros. Este sentimento compromete, frequentemente, a participação ativa dos habitantes na dinâmica quotidiana do bairro, descaracterizando, desta forma, o conceito de bairro social.

A multiculturalidade presente na sociedade atual conduz a situações de desigualdade, pobreza e exclusão social que se posicionam em sentido contrário ao defendido pela noção de Estado Social, sendo, portanto, prioridade dos Estados a prevenção e minimização. Para o Estado Social predomina os conceitos de igualdade, cidadania e liberdade. A população que habita os conjuntos de habitação social encontra-se, por norma, à margem da sociedade, habitando locais situados nas periferias das urbes (Blackwith, 2015). Perante a manifestação de comportamentos socialmente reprováveis e o estigma social por parte da comunidade local, surge, ainda com maior relevo, a o autoestigma dos habitantes que veem o espaço como um gueto social que, pela presença de determinados comportamentos desviantes, é assimilada para si uma imagem social reprovada (Quintas, 2008).

Concomitantemente, a exclusão social associada aos bairros de habitação social traduz-se em distintas vertentes, essencialmente a sua segregação geográfica, da qual se retratam locais

situados na periferia das urbes onde se manifestam problemas sociais característicos quase comuns em todos e que, desta forma, determinam a imagem dos bairros sociais, desde tráfico e consumo de droga, prostituição, entre outros (Labandeiro, 2004), assim sendo, é o local *“onde a cidade urbano-industrial se interrompe, são os sítios onde a urbe cosmopolita cede lugar a uma outra figura”* (Fernandes, 1997, citado por Caetano e Guadalupe, 2011). As características associadas à população que habita estes empreendimentos sociais, bem como o conjunto de problemas sociais aí identificados, conduzem a população residente a uma posição de vulnerabilidade social. Nesta perspetiva, e ainda sob a pesquisa do autor em questão, são identificados como fatores a relação com as políticas habitacionais que remetem para habitações construídas com menor qualidade contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento desajustado em função do espaço (Labandeiro, 2004).

2.1. Sociabilidade, Identidade Social e Cultural

O espaço casa ocupa um lugar de destaque na vida de cada pessoa, sendo um direito constitucionalmente estabelecido de importante relevo para a construção da nossa personalidade, identidade e sentimento de pertença. A nossa casa representa um espaço que proporciona o pleno desenvolvimento da pessoa, de bem-estar e saúde (Fong et al., 2021). Portanto, é no espaço casa que o primeiro processo de socialização acontece.

A socialização é considerada um processo de aprendizagem através da interiorização de normas, crenças e valores do grupo social ao qual o indivíduo pertence como membro da sociedade. O processo de socialização é o principal veículo de disseminação cultural que atravessa gerações (Abrantes, 2011). A imitação, a identificação e a aprendizagem são mecanismos importantes de socialização. A socialização desenvolve-se nos primeiros anos de vida da criança junto de pessoas significativas e é gradualmente introduzida no ambiente externo e de maior interação. Neste sentido, é na comunidade e na nossa relação com os vizinhos que se transmi-

tem saberes, sendo uma das principais fontes de desenvolvimento e bem-estar do indivíduo. A carência de socialização e de redes de sociabilidade equilibradas tem conduzido nos últimos anos a problemas de saúde mental para a população com tendência a agravar.

Seguindo esta linha de pensamento, Chatterjee et al. (2019), constataram nos seus estudos que a população socializa em menor número com os seus vizinhos, tendo em conta o número de horas de trabalho e deslocação o que, por consequência, diminuí as redes informais de entreatajuda na vizinhança. Não obstante, no caso concreto dos Bairros Sociais, a multiculturalidade é para diversos autores um entrave ao pleno desenvolvimento e coesão social do espaço (Cheshire et al., 2018). Assim sendo, é considerado por vários autores como um fator que pode comprometer o sentimento de pertença da comunidade, dado que, os elementos de identificação manifestam-se escassos em comunidades com uma diversidade étnica e cultural muito diferenciada.

Estudos comprovados demonstram que a existência de um sentimento de pertença partilhado e relacionado com a identidade local é importante para a coesão social e bem-estar dos indivíduos (Fong et al., 2021). Assim sendo, a qualidade de vida da população que habita um determinado Bairro encontra-se diretamente relacionada com a possibilidade de o indivíduo estabelecer uma conexão social com as pessoas próximas que, por sua vez, se encontra dependente da identidade de Bairro.

Simultaneamente, a identidade de Bairro correlaciona-se com a identidade social que determina os laços psicológicos estabelecidos com outras pessoas que pertencem a um círculo comum. Paralelamente, quando uma pessoa se identifica com um determinado grupo desenvolve um pensamento coletivo, pelo que, identidades sociais fortes e concretas promovem o surgimento de determinados sentimentos e pensamentos de comunidade, além do ajuste dos seus pensamentos, ações e sentimentos com os do grupo, ou seja, incorpora as normas e valores de conexão ao grupo, assumindo assim um comportamento normativo de tomar para si a identidade do próprio grupo, concluindo-se assim que o indivíduo se encontra plenamente incluído (Chang et al., 2016). Vários

estudos apresentados comprovam que o bem-estar individual e a saúde mental de cada pessoa apresentam bons resultados em equilíbrio com a identidade de Bairro e desta forma proporciona o aumento da autoestima coletiva e individual, bem como, a autoeficácia e ajuda dentro do grupo. As populações que habitam espaços residenciais estigmatizados, no qual a discriminação e o estigma da comunidade exterior é uma realidade, apresenta para a pessoa efeitos negativos ao nível da saúde. Pelo que, conexões sociais positivas e o desenvolvimento de identidade de Bairro e identificação com o local de residência e os vizinhos pode atenuar os efeitos do estigma associada, bem como, o aumento da participação comunitário e ação coletiva (Fong et al., 2021).

Simultaneamente, Fong et al. (2021), refere que no contexto, seja ele socioeconómico ou cultural, e as dinâmicas do próprio indivíduo são cruciais para determinar a identidade social do Bairro e o seu sentimento de identificação e pertença ao local. A identidade cultural do espaço também determina o sentimento de bem-estar e identificação associada ao Bairro Habitacional, dado que, a existência de um número volumoso de pessoas com as mesmas origens étnicas transmite ao indivíduo maior segurança e possibilidade de ajuda. De acordo com o Pickett e Wilkinson (2008) citados por Fong et al. (2021), residir num Bairro, cuja identidade cultural é partilhada é inevitável o reforço de valores e práticas, autoestima, crenças e um sentido de pertença coletiva, além de se apresentar benéfico para a qualidade de vida de cada pessoa. Desta forma, consta-se que a identidade social e a identidade cultural se correlacionam, dado que se influenciam mutuamente num comportamento normativo da sociedade. Tais comportamentos normativos ocorrem quando a pessoa se identifica com a cultura e assim procura agir de acordo com o esperado, assumindo uma postura firme e resistente. Contudo, para o indivíduo não basta apenas o simples pertencimento a uma determinada cultura, por vezes a pessoa ajusta-se, identificando-se apenas com algumas particularidades da cultura ou pode até rejeitá-la (Chang et al., 2016).

2.2. Bairros Sociais e a Intervenção comunitária sócio-ocupacional

Os bairros sociais são, normalmente, espaços físicos agregadores de diferentes culturas e perfis, inserindo população de zonas variadas do país, habitando o bairro social por situações e trajetos de vida predominantemente negativos. O próprio espaço é preponderante para a construção e consolidação da identidade cultural da população, “a heterogeneidade de referências culturais e de situações sociais que caracteriza o bairro tem, necessariamente, influência no modo como vê e representa o espaço e nas formas como dele se apropriam desse espaço” (Gonçalves, 1994). Em referência à literatura consultada, um dos componentes mais importantes para entender o comportamento da população no espaço urbano é a densidade populacional, contudo, não é considerado suficiente para compreender a desorganização e a constante fragmentação dos laços sociais, considerando que o contexto envolvente assume um importante papel para os acontecimentos registados (Soczka, 1988). Mediante distintas condições os bairros sociais são tidos como lugares estigmatizados e marginalizados quer seja pela presença de comportamentos desviantes quer por relações de vizinhança conflituosas e desestabilizadoras (Pinto e Gonçalves, 2000).

Paralelamente, tais fatores conferem aos bairros sociais uma imagem negativa e desagregadora para a população que habita este espaço urbano (Pinto e Gonçalves, 2000). No que concerne à perceção negativa do bairro social para a comunidade, sentido pela população residente como estigma social, é assumida em múltiplas situações como um mecanismo de defesa para os moradores, retratando uma forma de rejeição pessoal do estigma como se fosse transmitido de forma rígida entre todos. Outro fator preponderante é a baixa qualificação da população que, por sua vez, apresenta como consequências o desemprego e a pobreza como problemáticas sociais que potenciam ciclos de marginalização e exclusão social. Gonçalves (1994), refere no seu estudo sobre o Bairro Social de Vila Franca de Xira, “*trata-se de uma população extremamente jovem. Apesar disso, os níveis de escolaridade são muito baixos, atingindo-se taxas de analfabetismo na ordem dos 7.9% e 3.5% (...) tendo em conta*

esta juventude da população e o facto de se encontrar integrada em meio urbano, se revela bastante significativo". Retrata níveis de qualificação profissional igualmente baixos e trabalhos precários.

A intervenção comunitária potencia práticas de inclusão social que respeitam valores comunitários e de sobrevivência, bem como o foco na cidadania, mas, sobretudo, a melhoria da qualidade de vida da população. Os projetos de intervenção em bairros sociais têm como ponto central bases do desenvolvimento comunitário e da animação sociocultural, dado que, a *"promoção das pessoas no marco global do território, potenciando a democracia cultural como superação da democratização da cultura, para acabar na emancipação coletiva e na mudança social. Promove processos de participação coletiva, dinamiza programas de animação sociocultural e desenvolvimento comunitário e, por fim, leva aos cidadãos a disfrutar de maior qualidade de vida e bem-estar. Incentiva o desenvolvimento endógeno das suas potencialidades económicas, educativas, culturais, associativas, sanitárias, entre outros"* (Fernández, 2009).

Na perspetiva de diferentes autores, o próprio desenvolvimento comunitário pode ser considerado como interesse da comunidade que estima o apoio externo, contando com a promoção das suas potencialidades. Nesta sequência é no âmbito da educação comunitária que populações desfavorecidas e vulneráveis se constituem e impulsionam vínculos de solidariedade. A intervenção em epígrafe e o seu desenvolvimento local é fruto do esforço para melhorar os contextos e as condições de vida das pessoas que residem num determinado espaço urbano, isto é, toda a comunidade e o seu espaço cultural e geográfico (Santos, 2002 citado por Matias, 2018).

Concomitantemente a educação comunitária demonstra-se, portanto, crucial para o desenvolvimento do ser humano como membro ativo e útil da comunidade, traduzindo-se num meio para promover e alcançar o pleno direito, respeito e liberdade do indivíduo. Assim sendo, considera-se as ações de âmbito comunitário como um processo de evolução e transformação social para a promoção da qualidade de vida, cooperação, participação, universalidade e autonomia. Associado à realidade dos bairros de habitação social predominam as situações de vulnerabilidade so-

cial, traduzidas em desemprego ou precariedade laboral ou aqueles que em situação de reforma se encontram originando, por sua vez, desocupação e tempos livres. Nesta perspetiva, a prevalência do ócio é uma realidade para a comunidade que vive em bairros sociais, traduzindo-se no conjunto de ações que realizam de um modo livre, desfrutando do tempo disponível (Freire, 2013).

A ocupação dos tempos livres é importante para o indivíduo e sinónimo de evolução e desenvolvimento para a comunidade, pelo que, a animação sociocultural assume um importante contributo e abarca hoje diferentes objetivos e contextos com foco na melhoria da qualidade de vida. Deste modo, perante o exposto e analisando que nos Bairros Sociais existe uma grande heterogeneidade de pessoas, com problemáticas distintas e delicadas, a intervenção comunitária assume um papel significativo para a integração na sociedade e a sua inclusão social, criando condições para reverter situações de vulnerabilidade, isto é, mais importante do que as obras realizadas ao espaço ou a atribuição de uma habitação social, é o conjunto de ações levadas a cabo num sentido educativo promovendo a sua adaptação, *“as pessoas não são coisas que se ponham em gavetas”* (Guerra, 1994).

Por conseguinte, é necessário que as pessoas sejam os protagonistas das suas próprias ações e transformação social, para que, sejam capazes de contrariar e reverter a situação de fragilidade em que se encontram (Amaro, 2003). A intervenção realizada deve procurar sempre corresponder às necessidades e problemas identificados pela população residente, bem como as potencialidades ali identificadas, pois só desta forma é possível alcançar a mudança social. A escuta ativa e a promoção da participação da comunidade no seu processo de mudança são imprescindíveis para que tal aconteça. Neste sentido, a intervenção comunitária tem de respeitar a identidade cultural do indivíduo, *“isto é, o modo como as pessoas percecionam o seu passado e a sua realidade presente, mas, mais que isso, a importância de as pessoas olharem o futuro para orientar os processos de desenvolvimento”* (Rothes, 2009). Considerando a informação mencionada, os movimentos associativos são relevantes para o bom funcionamento de um bairro social, assim como, da

restante comunidade, realçando a importância do seu contributo para um desenvolvimento social positivo, como é o caso das associações de moradores frequentes em bairros sociais e um bom exemplo de iniciativa e participação local (Carvalho, 2018).

3. Conclusões

A relação com o bairro social e o significado que este assume para o indivíduo é diferente de pessoa para pessoa e varia em função da relação estabelecida com o meio social em que a pessoa se encontra inserida. Isto é, para algumas pessoas a influência das relações de vizinhança é crucial e o bairro é assumido como um espaço de partilha, segurança, amizades e entajuda e, por outro lado, representa um simples espaço de residência, onde não se verifica o estabelecimento de relações próximas com outras pessoas, reproduzindo um impacto significativo para a esfera social e económica do indivíduo.

A comunidade constitui-se através das representações sociais e sentimentos de pertença que possibilitam a efetiva construção de comunidade agregadora que, por sua vez, conduzem à inclusão e integração sociais. Em contexto de bairro social o processo de identidade sociocultural ganha ainda mais relevo e importância, tendo em conta as disparidades sociais e os contrastes sociais, étnicos e culturais que se verificam.

Referências

- Abrantes, P. (2011). Para uma teoria da socialização. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 21, 121-139
- Amaro, R. R. (2003). Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria. *CADERNOS DE ESTUDOS AFRICANOS*, 4, 35-70.
- Blackwith, D. (2015). *Social work, poverty and social exclusion*. Open University Press
- Bott, E. (1990 [1971]). *Família e red social*. Altea Taurus.
- Caetano, A., & Guadalupe, S. (2011). *As Relações de Vizinhança*

- nas redes de suporte social num bairro social: Um estudo com residentes no Bairro de Santiago em Aveiro. *Revista Cidades, Comunidades e Territórios*, 23, 1-20.
- Capucha, L. (1990). Associativismo e modos de vida num bairro de habitação social. *Revista Sociologia – Problemas e Práticas*, 8, 29-41.
- Carvalho, F. (2018). *Olhar o bairro a partir de dentro: estudo das percepções dos moradores do Bairro Social do Sobreiro*. [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, no domínio da Educação, Comunidades e Mudança Social]. Repositório Universidade do Porto.
- Chang, M., Jetten, J., Cruwys, T., & Haslam, C. (2016). Cultural Identity and the Expression of Depression: A Social Identity Perspective. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 27(1), 16-34.
- Chatterjee, K., Chng, S., Clark, B., Davis, A., Vos, J., Ettema, D., Handy, S., Martin, A., & Reardon, L. (2019). Commuting and wellbeing: a critical overview of the literature with implications for policy and future research. *Transport Reviews*, 40 (1), 5-34.
- Cheshire, L. Fitzgerald, R., & Liu, Y. (2018). Neighbourhood change and neighbour complaints: how gentrification and densification influence the prevalence of problems between neighbours. *Urban Study*, 56(6), 1093-1112.
- Fernández, X. (2009). Intervenção Comunitária e Práticas de Inclusão. *Saber & Educar*.nr 14.: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Freire, C. (2013). *Viver com Qualidade: um Projeto de Intervenção num Bairro Social*. [Relatório de Estágio do Mestrado em Educação – área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária]. Repositório UMinho.
- Fong, P., Cruwys T., Robinson S. L., Haslam S. A., Haslam C., Mance P. L. & Fisher C. L. (2021). Evidence that loneliness can be reduced by a whole-of-community intervention to increase neighbourhood identification. *Social Science & Medicine*, 277. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113909>
- Gonçalves, H. (1994). Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro social de habitação social. *Revista Sociologia*

- *Problemas e Práticas*, 16, 135-149.
- Guerra, I. (1994). As Pessoas não são Coisas que se Ponham em Gavetas. *Sociedade e Território*, 20, 11-26.
- Kearns, A. & Whitley, E. (2018). Perceived neighborhood ethnic diversity and social outcomes: Context-dependent effects within a postindustrial city undergoing regeneration. *Journal of Urban Affairs*, 40(2), 186-208.
- Kim, J. (2010). Neighborhood disadvantage and mental health: The role of neighborhood disorder and social relationships. *Social Science Research*, 39, 260-271.
- Labandeiro I. R. (2004). “A vida num Cerco”. *Exclusão Social – Um Estudo de Caso e Histórias de Vida no Bairro do Cerco do Porto*. [Dissertação de Mestrado em Sociologia]. Repositório Universidade do Porto.
- Marloes, M. Hoogerbrugge & Martijn J. Burger (2018) NeighborhoodBased social capital and life satisfaction: the case of Rotterdam. *The Netherlands, Urban Geography*, 39(10). 1484-1509.
- Matias, F. (2018). *A Intervenção Social e Comunitária como estratégia de Inclusão Social no Bairro de Santiago em Aveiro*. [Relatório de Estágio do Mestrado em Educação – área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária]. UPT – Universidade Portucalense.
- Pinto, T. C., & Gonçalves, A. (2000). Os bairros sociais vistos por si mesmos. *Revista Cidades – Comunidades e Territórios*, 1, 101-111.
- Quintas, A. (2008). *Onde está o bairro social? O caso de um realojamento social em lotes dispersos na Freguesia da Brandoa: Percepção dos residentes sobre o novo espaço residencial*. [Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa]. Repositório ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Roths, L. (2009). *A Recomposição Induzida do Campo da Educação Básica de Adultos*. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Repositório P. Porto.
- Sebastião, J. (1998). *Crianças da Rua – Modos de Vida Marginais na Cidade de Lisboa*. Celta Editora.
- Soczka, L. (1988). Ecologia social do risco psicológico em meio urbano. *Revista de Psicologia VI*, 3, 207-346.